

COLÓQUIO
Ao ENCONTRO DE
RAUL BRANDÃO

Título

AO ENCONTRO DE RAUL BRANDÃO
(Actas do Colóquio)

Autores

AAVV

Colecção

“Colóquios da Universidade Católica”

Revisão

VICTOR SIMÕES

Capa

AMÉLIA MARTINHO

Extratexto

Retrato de Raul Brandão
por COLUMBRANO

Concepção Gráfica

LELLO EDITORES

Execução Gráfica

BALTAZAR & CERQUEIRAS, L.^{DA}

Patrocínio



CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

© Centro Regional do Porto
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Fevereiro de 2000
ISBN 972-48-1777-6

Comissão de Honra

D. ARMINDO LOPES COELHO
Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo do Porto

Prof. Doutor FRANCISCO DE CARVALHO GUERRA
Presidente do Centro Regional do Porto
da Universidade Católica Portuguesa

Prof. Doutor JOSÉ NOVAIS BARBOSA
Reitor da Universidade do Porto

Prof. Doutor ALFREDO DINIS
Director da Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa - Braga

Prof. Doutor CARLOS JORGE BARRAL
Governador Civil do Porto

Dr. FERNANDO GOMES
Presidente da Câmara Municipal do Porto

Dr. ANTÓNIO MAGALHÃES
Presidente da Câmara Municipal de Guimarães

Dr. FERNANDO ÁGUIAR-BRANCO
Presidente da Fundação Eng.^º António de Almeida

Eng.^º LUÍS BRAGA DA CRUZ
Presidente da Comissão de Coordenação da Região Norte

Embaixador Prof. Doutor JOSÉ AUGUSTO SEABRA
Direcção da Revista «Nova Renascença»

Comissão Científica

Prof. Doutora MARIA JOÃO REYNAUD (Presidente)
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Prof. Doutor ARNALDO CARDOSO DE PINHO
Director da Faculdade de Teologia - Porto
Universidade Católica Portuguesa

Prof. Doutor ÂNGELO ALVES
Faculdade de Teologia - Universid. Católica Portuguesa - Porto
Director do Gabinete de Estudos do Pensamento Português
Universidade Católica Portuguesa - Porto

Prof. Doutor JOÃO FRANCISCO MARQUES
Faculdade de Letras - Universidade do Porto

Prof. Doutor MÁRIO ROSA DA SILVA GARCIA
Faculdade de Filosofia - Universid. Católica Portuguesa - Braga

UMA LEITURA ÉTICA DE “OS POBRES”

JORGE TEIXEIRA DA CUNHA

O homem é tanto melhor quanto maior quinhão de sonho
lhe coube em sorte. De dor também ¹.

As autênticas obras de arte literárias fazem presente a realidade de mil maneiras. Têm, por isso, muitas leituras possíveis. A obra de Raul Brandão é justamente um prodígio de abertura a facetas inexploradas do real, dada sobretudo a sua capacidade de escapar ao já dito e ao já pensado, ao costume ou ao lugar-comum. Se é verdade que todas as obras literárias têm uma ética, enquanto pressupõem uma definição do valor e uma hierarquização de valores, a obra que nos ocupa vai muito além disso, enquanto põe em questão os principais elementos que fazem de horizonte de uma compreensão racionalmente defensável da vida do homem sobre a terra. Entre esses, podemos enumerar a relação entre natureza e sobrenatural, a luta entre espírito e matéria, o lugar de Deus no horizonte do mundo, o sentido da vida associada, e mesmo os mistérios da consciência moral, enquanto testemunho subjectivo do bem a fazer e do mal a evitar. A todas estas questões de sempre, Raul Brandão não dá uma resposta unívoca. Mas, existem nas suas obras tais variações sinfónicas sobre estas noções que tornam interessantíssima a sua obra também para os cultores da ciência moral. São algumas destas variações que queremos pôr em evidência nas linhas que seguem, sem a pretensão de chegar a um acorde perfeito final, uma vez que isso se afigura completamente impossível. Limitamo-nos à obra *Os Pobres* ²

¹ Raul Brandão, *Memórias*, t. I, Ed. José Carlos Seabra Pereira, Lisboa, 1998, p. 31 s.

² Usaremos a edição seguinte: *Obras Completas de Raul Brandão*, vol. III, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990. Os números que existem entre parêntesis ao longo do texto referem-se a esta edição.

I

Não seria metodicamente correcto começar por buscar qualquer coisa como um horizonte vinculante para a vida moral do homem. É sabido como os autores morais referem este horizonte, para avaliar o moralmente bom, falando de fim último do homem, de felicidade, de utilidade, ou outros parecidos. É impossível estabelecer um padrão único de moralidade, pois isso equivaleria a uma organização racional unificante da obra de Raul Brandão. Ora, o que existe nele é uma desconfiança radical em relação à razão humana e às suas conquistas, tanto no referente aos modelos expressivos, como aos modelos culturais e, certamente, muito mais aos padrões morais. Atribuem-lhe um pendor para tudo o que é contrário a isso, como sejam os ideais anarquistas, uma proximidade com autores tão idealistas como Dostoiévski, um parentesco remoto com o romantismo e um tipo de modernidade que melhor seria chamada pós-modernidade, tal o seu inconformismo e a sua originalidade. O que surge mais à vista é o aspecto da negação do “normal”, do já adquirido, do construído pelo esforço cultural do homem. O que é então o verdadeiro, o belo, o bom? O que é um homem verdadeiramente homem de que trata a ética? Estas perguntas, quanto muito, têm resposta numa filosofia negativa. Mediante essa renúncia e negação é que se afirma um universo sobre-real, uma ausência presente em certas manifestações: a dor, o sonho, o escárnio. Ele como que supõe a existência, por debaixo deste, de um universo verdadeiramente real, cuja relação com o visível é difícil de estabelecer. São conhecidas as suas afirmações paradoxais que põem em causa a própria distinção entre o estar morto e o estar vivo ou o facto de pressupor a existência de uma química profunda e futura, mais real do que a química da matéria visível (87). O Gabiru explica, a certa altura, à velha prostituta, sua companheira espectral:

“Um sonho é como se tivéssemos na alma um mundo maior do que este. Todo em fogo... Quando se traz um sonho e se sofre, mais ele cresce. Tanto mais puída é a matéria, mais ele arde!... Depois que comecei a sofrer é que vi o que nunca tinha pressentido” (118).

A maior parte do tempo, os seres humanos vivem na periferia deste mundo profundo, vivem na dimensão inautêntica. Pelo sonho, pela dor, ao contrário, entra-se no absolutamente real. Isto será, à vista desarmada, panteísmo, monismo idealista ou materialista. Não importa. Aqui parece-nos que ele professa uma espessura do real que não tem compreensibilidade com estas costumadas categorias. O universo normativo brandoniano é de uma qualidade singular. Talvez ele ande por perto daquilo que H. Bergson chama a moral do apelo do herói.

II

As situações ou experiências que religam o ser humano ao mundo verdadeiro e profundo são o sonho e a dor. Pode-se dizer que são experiências “simbólicas”, quer dizer, aquilo que liga o homem ao verdadeiro real. No nosso caso, trata-se do real ético, ou seja, da colocação livremente escolhida e racionalmente justificada do homem na existência. Terão estes símbolos estéticos igualmente uma valência ética? Parece que sim, uma vez que o sonho e a dor são também o ponto de origem do ser humano como ser moral. É pelo sonho e pela dor que o homem advém como ser comunicante com o seu semelhante, e como responsável diante dele e por ele. “Só as criaturas que sofrem é que são dignas de viver e na verdade são as únicas que vivem” (70), escreve o Gabiru, no seu pensar delirante. É claro que, à primeira vista, pelo menos, esta qualidade do homem como vivente mediante a dor e o sonho é para entender num contexto de um determinismo radical, panteísta e eternamente repetitivo, que está patente no mundo. Integrandose num destino inexorável, conformando-se à maneira estoíca é que o homem vive eticamente. O ser humano vem à consciência e à vida por um acaso na infinita combinação dos elementos da matéria.

“No mundo correm e entrecrocavam-se grandes rios de moléculas — que são rios de ódio, outros que são rios de amor, outros que são a amargura, o riso, o sonho... Há dias em que a gente se sente responsável por todo o mal que há na terra” (73).

Porém, como sempre, as afirmações brandonianas surpreendem-nos, logo a seguir, com uma variação inesperada. A dor é o princípio de aproximação dos seres. O Gebo, a mulher e a filha levam uma existência completamente desumanizada. Porém, a desgraça é um princípio de aproximação.

“Apesar dos ralhos, todos três se queriam de um profundo, de um admirável amor; A desgraça aniquilava-os juntando-os. Deixava um de comer, fingindo-se farto, para que outro tivesse mais pão; se qualquer deles adoecia, os outros nem dormir podiam, e um dia a mulher enfim tombada... chama Sofia para lhe dizer baixinho: — Olha se cuidas do teu pai. Nunca o abandones. Foi sempre um santo” (77 s.).

O que quer isto dizer se não que, mediante a dor, os seres humanos se tornam seres morais, quer dizer, amadores do seu semelhante e libertados do determinismo radical que os faz jogados por um destino inexorável? O amor é a origem da liberdade, a origem da pessoa. Mesmo morrendo na maior derrelicção, “os pobres” testemunham o advento do homem à liberdade e a superação da necessidade. Caem como folhas perdidas no abismo do

vendaval, mas fica sempre a testemunhar a favor da liberdade o facto de saberem que caem e de disporem de si e dos outros nessa queda.

Neste sonho dos desgraçados entram os grandes valores do universo. Entra o próprio Deus (79). São os desgraçados que se tornam responsáveis pelo seu semelhante, quer dizer que se tornam humanos. É o caso do Morto que distribui o pouco pão que tinha destinado avidamente a satisfazer a sua fome com uma criatura mais desgraçada do que ele (84); é o caso de Sofia, esse anjo caído, ou melhor esse anjo cuja abjecção não lhe toca a alma (129), da Mouca (126) que quanto mais sofre mais hiper-real se torna “como sombra” (126). “Ser despedaçado, oprimido, calcado, torna quase sempre o homem grande, porque acorda e abala vozes adormecidas” (126). A própria imortalidade é uma forma de sonho (85).

É certo que uma tal compreensão do valor moral e da própria ontologia equivale a um repensamento e, algumas vezes, a uma inversão dos valores morais. Vejamos alguns exemplos disso. Existe uma desconfiança radical a respeito da educação. “A educação que nos dão, o melhor que há a fazer é esquecê-la”, escreve liminarmente (86). A própria filosofia tradicional não é apta a conter a vida (86). A amizade, por sua vez, é uma forma de domínio ou de submissão, não há meio termo (86). Ao chegar aos trinta anos, “se queres continuar a amar os outros, afasta-te, torna-te solitário” (88). Não se pode viver com os outros sem representar (88). “Os que têm uma forte individualidade arredam-se, porque nunca podem agradar” (88). Porém, os que triunfam neste mundo não são estes, mas os que se adaptam e podem ser como toda a gente.

III

Existe uma pergunta que não pode deixar de ser colocada: é o homem realmente livre para ser moral, quer dizer, para poder escolher o bem (e o mal)? Por um lado, parece que a liberdade do homem não existe. A ideia de finalismo da criação, sendo a vida do homem destinada à felicidade ou à desgraça, é inconcebível! “Não é isto subordinar o universo ao homem?” (87). Num primeiro momento, Raul Brandão professa um determinismo, um naturalismo, um panteísmo dentro do qual não é possível conceber o homem como demiurgo da vida social e da história, enquanto ser livre e cooperante com os seus semelhantes. Ser santo ou ser criminoso parece estar inscrito num destino determinado pelo acaso das combinações químicas. Fazer o bem ou fazer o mal estão igualmente pre-definidos pelo destino.

Porém, existe uma outra visão, em contradição com esta, uma visão trágica. O homem não é livre nem cooperante por natureza, mas a dor aproxima-o do seu semelhante, numa forma de sociabilidade de que são exemplo os desgraçados que são “os pobres”. O homem é para o outro homem, ou o homem é para o isolamento absoluto onde se encontra com o real?

“Nunca fui só no mundo... Fios invisíveis prenderam-me sempre a todos os seres não só pela piedade, não só pela comunhão com os desgraçados, mas por outra coisa maior e mais profunda, por um sentimento de remorso, como se eu tivesse alguma responsabilidade nesta dor e na criação das figuras de desgraça... E tenho medo. Tenho aó mesmo tempo remorso e medo” (111).

E sente-se responsável pela existência do prostíbulo, sente-se atraído pelo crime como se fosse seu cúmplice. Diante das figuras da desgraça não sente piedade, mas irritação, como se pudesse sustentar o sofrimento e a injustiça (111). De novo nos encontramos com a experiência da tragédia: o destino é inexorável, mas, enfrentando-o de rosto levantado, o homem é um eterno protesto contra o destino e o princípio de ruptura da sua inflexibilidade.

IV

Qual a relação que existe entre o mundo do sonho e o mundo visível, empírico, concreto? Ou, por outras palavras, quem são esses seres, como a Mouca ou Sofia, cujo ser é feito apenas de dor e a quem a abjecção não chega a tocar o corpo? Não será que Raul Brandão professa um dualismo radical que mina a ética na sua origem? Com efeito, uma ética dualista que não desse qualquer valor ao mundo visível, ao corpo humano, seria um puro cinismo, pelo menos aos olhos da teologia cristã católica, para quem “a carne é o alicerce da salvação”. No caso de ser verdade esta separação entre mundo visível (corpo, matéria, acção) e mundo ideal (dor, sonho), no caso de “o único mundo real (ser) o mundo irreal”, Raul Brandão refaz o caminho de muitos heréticos cristãos, mesmo do peninsular Prisciliano. Para estes, dá-se uma separação entre natural e sobrenatural, sendo que este último é o único verdadeiro e aquele não tem qualquer consistência. Do ponto de vista ético, tanto podem seguir o caminho do rigorismo como do laxismo dos sentidos, uma vez que o corpo e o que a ele se refere é indiferente à salvação. As realidades, como sejam a economia, a procriação, a política, a própria arte, não têm qualquer valor absoluto. Só o espírito do homem tem valor eterno e pode chegar a Deus. Mas uma tal ética sobrenaturalista não tem qualquer adesão à realidade. Reparemos que a ética idealista dos modernos, desde Guilherme de Ockam, passando pelo protestantismo, até atingir a sua perfeição formal no voluntarismo kantiano manifesta um parentesco espiritual com estas ideias. Por isso, pode-se ser moderno e ter as suas raízes nesta linhagem de heresia moral.

V

Seria possível uma interpretação ética da obra de Raul Brandão, na linha da leitura trágica do cristianismo que fazem Miguel de Unamuno e o teólogo alemão Jurgen Moltmann?¹ Talvez seja. Mas em que consiste esta leitura “trágica”? Sem ser dualista, este modo de ver estabelece uma quase separação entre mundo e Deus, de tal maneira é propenso a considerar a distância entre imanência e transcendência, entre pecado e graça, entre mundo e Reino. Essa distância manifesta-se sobremaneira na morte de Cristo, na qual acontece uma como que cisão entre Deus e Deus. Na linha luterana, a morte de Cristo é quase uma contradição em Deus, uma negação de si mesmo por parte da divindade. Ora, estes autores, se se dedicassem a pensar uma ética, teriam tendência a quase separar o natural e o sobrenatural, de forma que a norma moral natural teria um valor muito relativo, tal a impotência da razão humana para formular algo que tenha potencialmente um valor eterno. Em Raul Brandão poderíamos identificar qualquer coisa como esta separação trágica entre o mundo e o Reino. São o sonho e a dor que fazem vislumbrar a verdadeira vida, mas estão desligados, sem possibilidade de superação da distância, em relação à vida corporal, social e histórica do homem. Esta é a tragédia da vida. Este é o escândalo insuperável da condição humana: dentro do empírico, existe o real; mas entrar neste, pelo sonho, equivale a uma quase loucura, a uma marginalização radical. O comum dos mortais não o pode entender. Tal como o verdadeiro cristianismo, o dos santos e dos místicos, é um caminho sem utilidade prática e muito propenso ao desvario.

VI

Podemos perguntar para concluir: é possível ou não pensar uma ética na obra de Raul Brandão?

Uma primeira resposta é esta: se olharmos para o seu pendor determinista, o indeterminismo da liberdade e a moral não são possíveis. Neste caso, o bem e o mal não são um problema moral, porque não estão debaixo da liberdade humana. São momentos de um destino inexorável a que o homem só tem de se conformar. O símbolo estético não tem leitura ética possível. O sonho e a dor são apenas o ponto de chegada de uma circunvolução gnóstica, monista, do mundo: depois da queda uma reunião. O homem

não é para o seu semelhante, mas é para o isolamento. O homem é lobo do homem.

Uma segunda resposta necessita de mais elaboração. Não há dúvida de que é possível dar corpo a uma explicação extremamente interessante pela qual o símbolo estético se torna símbolo ético. Por um lado, temos o facto de que a dor e o sonho estabelecem “fios invisíveis” entre os seres humanos. Vemos ainda que o homem que vive da dor e do sonho se reconhece como culpado, quer dizer, como responsável pela sorte dos seus semelhantes. Deste modo se assenta o fundamento de uma moral. Este ponto de vista sugere uma interpretação do pensamento de Raul Brandão, mais à luz da modernidade de E. Lévinas do que da ideia de capitulação diante do determinismo, como é próprio dos estóicos vulgares. Com efeito, este pensador propõe, como é sabido, uma reinterpretação da ética do Ocidente, partindo do princípio de que esta não depende da ontologia (“agere sequitur esse”), mas colocando a ética como filosofia primeira. No primeiro caso, pensa ele, a ética é vista em termos de “totalidade”. No segundo, parte da ideia de infinito presente no sujeito, o qual advém como tal quando desperta para a responsabilidade pelo outro. Podemos ler Raul Brandão a esta luz? No autor português existe o mesmo pessimismo inicial, a mesma recusa da totalidade uniformizante, uma semelhante ideia de responsabilidade por todos. Existe ainda, como em Pascal, a mesma ideia de que o ser humano que subsiste não é o que afirma a sua gloriosa espontaneidade de vivente, mas o que reconhece uma culpabilidade. Todos três invertem o caminho do pensamento ocidental grego que começa com a pergunta do espanto: porque existe algo de preferência ao nada; para esta outra: Não será que, existindo, sou causa de morte do outro? A diferença estaria em que, enquanto Pascal não perde o horizonte cristão e Lévinas se mantém dentro da fé hebraica, Raul Brandão fica-se por um deísmo gnóstico que assiste ao drama do mundo (feito de unidade inicial, queda e re-integração) sem qualquer abertura para um interlocutor pessoal do mundo. Não obstante isso, aos olhos de um leitor cristão, debaixo das figuras dos pobres de Raul Brandão, é impossível não identificar a figura do Último dos homens que viveu e morreu como o mais pobre dos pobres.

Para ser moralmente bom, o homem não tem de fazer o bem, tem de se elevar. Esta é a expressão do dualismo brandoniano. O homem real, empírico, histórico, material, não tem salvação. Verdadeiro e bom é homem do mundo superior, espiritual, que aflora na dor e noutras situações privilegiadas. Este é o homem da bondade, da criação divina. Entre os dois existe um abismo que conjura o homem da ética brandoniana a um heroísmo trágico.

¹ Cf. M. de Unamuno, *Del sentimiento trágico de la vida en los hombres y en los pueblos*, Madrid, 1912; J. Moltmann, *Trinidad y Reino de Dios. La doctrina sobre Dios*, Salamanca, 1986, pp. 35-75.

A estreia não se verificou pois, com o 25 de Abril, os últimos preparativos ficaram comprometidos. Para além desse facto, a peça foi acusada de ser reaccionária: 1) pelo autor, 2) pelo conteúdo, 3) pela simbologia.

O *segundo* espectáculo aconteceu em Junho de 1978, realizado no Teatro São Luiz pela efêmera Companhia de Teatro Popular. Adaptado por Alexandre O'Neill e Mendes Carvalho, encenado por Carlos Wallenstein e Norberto Barroca, música de José Tinoco, figurinos de Costa Reis, interpretada por Antonino Solmer, Fernanda Lapa, António Feio, Maria Amélia Matta, Augusto Figueiredo, Baptista Fernandes, Canto e Castro, Lurdes Norberto, entre outros. Cinquenta e seis papéis, sete quadros, seis cenários. Mais perto de uma história ambulante através da sociedade, as mudanças de *estilo* e de atmosfera foram radicais. Evidentemente, os adaptadores e encenadores não acreditaram nas qualidades inatas do texto.

O *terceiro* espectáculo foi realizado no Convento dos Inglesinhos pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Estreou em Julho de 1991, fez uma carreira de dez espectáculos em seis cenários naturais: pátio, átrio, capela, refeitório, escadaria em cima da Rua do Século (coincidente com o texto), traseiras. Entre os finalistas-actores estavam Rui David, Diogo Infante, Marcantónio del Carlo, Carlos J. Pessoa, Maria Henrique, Rita Loureiro. A encenação foi do professor Jorge Listopad com assistência do professor João Mota.

Algumas notas sobre a peça *Jesus Cristo em Lisboa*:

- Epifania subtil.
- Via negativa (mas concreta) da História.
- A dupla autoria não ajudou à notoriedade de cada um dos autores.
- Peça colectiva e do colectivo: facto raro na dramaturgia portuguesa.
- Cidade e Serra; Portugal profundo; idem, a relação com *O Grande Inquisidor* de Dostoiévski.
Texto de descontinuidade, esburacado, de simultaneidades, psicológico.
- As dificuldades dos diálogos.
- As personagens são falsos *clichés*, logo anti-*clichés*; curiosa tipologia.
- Quem é o Cristo da peça? Cristologia. Para uma pacificação final. Na luta ideológica com a anarquia, Cristo está a perder.

“Os cegos são os condutores dos cegos” — Beckett.

Finalidade: a mola partiu-se? Já não há sobressalto possível — o pessimismo mais brandoniano que pascoaesiano. A revolta já não é possível? Nem o profeta em gestação como às vezes quis Pascoaes. Ou tudo não passará de uma vaga esperança lentamente adormecida nos princípios do século XX?

ÍNDICE

Nota de apresentação	5
Alocução de abertura	7

COMUNICAÇÕES

MARIA ALZIRA SEIXO	
Raul Brandão e os sentidos do modernismo português	15
FERNANDO GUIMARÃES	
Raul Brandão e os “poetas em prosa”	27
MARIA JOÃO REYNAUD	
O narrador e a sua sombra	33
VÍTOR MANUEL VIÇOSO	
Simbolismo e expressionismo na ficção brandoniana	39
MARIA DE LOURDES SIRGADO GANHO	
O trágico da existência em Raul Brandão	49
CARLOS HENRIQUE DO CARMO SILVA	
O recorte do <i>sensível</i> e a categoria do <i>espanto</i> na estética de Raul Brandão	55
MARIA ANTÓNIA JARDIM	
Da hermenêutica da narrativa à ética do discurso in “Memórias” de Raul Brandão	79
MÁRIO ANDRÉ P. VERÍSSIMO	
Raul Brandão: uma ontofania da palavra, uma escrita da carne	83
JORGE PEIXOTO COUTINHO	
Raul Brandão: entre absurdidade e sentido (Pensamento metafísico e religioso)	93
MANUEL FERREIRA PATRÍCIO	
A ideia de Deus em Raul Brandão	107
LUÍS DE ARAÚJO	
Perspectivas éticas no pensamento de Raul Brandão	119
DIOGO ALCOFORADO	
“O Padre” de Raul Brandão (Algumas notas em torno de um texto essencial)	125
MANUEL GAMA	
A trilogia vida-morte-Deus em Raul Brandão	139
ANTÓNIO JOSÉ DE BRITO	
O pessimismo em Raul Brandão	149

PAULO FERREIRA DA CUNHA Des-ordem e normatividade(s) em Raul Brandão	159
JORGE TEIXEIRA DA CUNHA Uma leitura ética de “Os Pobres”	167
AFONSO MOREIRA DA ROCHA Sampaio Bruno e a evolução estética de Raul Brandão	175
FERNANDO CATROGA Raul Brandão e a <i>questão religiosa</i>	223
JOÃO FRANCISCO MARQUES Evocação de Maria Angelina Brandão na Casa do Alto	247
ÁLVARO MANUEL MACILADO Raul Brandão: para além dos modelos	259
MARIA DE FÁTIMA MARINHO A especificidade do discurso em “El-Rei Junot” de Raul Brandão	267
MANUEL CLEMENTE As memórias-confissões de Raul Brandão	277
JOSÉ MANUEL DE BARROS DIAS Raul Brandão e Teixeira de Pascoaes: Jesus Cristo na I República	285
MANUEL JORGE PEREIRA DE CARVALHO Gomes Freire de Andrade, coronel na guerra contra a França, no Rossilhão e Catalunha (1793-1795) e os motivos da sua prisão, em 1794	295
EDUARDO ABRANCHES DE SOVERAL As perspectivas filosóficas de Raul Brandão	339
DALILA PEREIRA DA COSTA Húmus – Homo	345
ANTÓNIO BRAZ TEIXEIRA Afinidades e convergências entre a visão metafísico-religiosa de Raul Brandão e a de Unamuno	353
J. PINHARANDA GOMES Raul Brandão / Guerra Junqueiro	361
JOSÉ AUGUSTO SEABRA Simbolismo e utopia em Raul Brandão	377
MARIA DAS GRAÇAS MOREIRA DE SÁ “A Farsa” de Raul Brandão: o grito que Deus não ouve	387
LUÍS MOURÃO “Húmus”: a interrupção, os papéis, a cópia	395
ANTÓNIO MATEUS VILHENA Subsídios para uma abordagem do diálogo epistolar entre Raul Brandão e algumas figuras de relevo da vida portuguesa	399
MARIA MANUELA AFOONSO DE LACERDA CABRAL Vergílio Ferreira, leitor de Raul Brandão — Uma projecção especular	419
JOÃO AMADEU OLIVEIRA CARVALHO DA SILVA Entre o “Húmus” de Raul Brandão e o “Húmus” de Herberto Helder	431
J. CÂNDIDO MARTINS A presença de Raul Brandão na concepção romanesca de Vergílio Ferreira	455

PEDRO EIRAS O mar é transparente (Raul Brandão: pintura e metafísica)	469
HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA Brandão e Junqueiro: A “questão religiosa”. Amizade, padre, igreja, pátria, árvore	479
EUGÉNIO LISBOA José Régio e Raul Brandão: afinidades e contrastes electivos	497
MÁRIO GARCIA, S. J. Os pórticos das “Memórias” de Raul Brandão: o espanto e o espectro	503
ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO O tempo circular gnóstico e o homem de terra em Raul Brandão	507
XOSÉ LOIS GARCÍA Contextualidade espacial e humana em “Os Pescadores” de Raúl Brandão	525
MARIA DO ROSÁRIO GIRÃO RIBEIRO DOS SANTOS / MANUEL JOSÉ SILVA Raul Brandão e o homem do violino	535
JOSÉ CARLOS DE OLIVEIRA CASELO Ao encontro da educação nas “Memórias” de Raul Brandão	549
LUÍSA DACOSTA Raul Brandão – Notas à margem	565
URBANO TAVARES RODRIGUES Raul Brandão existencialista “avant-la-lettre”. O espanto, o sonho, a consciência e a morte	569
JORGE LISTOPAD Jesus Cristo em Lisboa, em Lisboa	575